

## Reflexões sobre possíveis efeitos da virtualização na parentalidade a partir de comentários recebidos no blog *Ninguém Cresce Sozinho*<sup>1</sup>

Silvia Paula Leite Bicudo

Patrícia Leekninh Paione Grinfeld

### Introdução

Em 1976 Françoise Dolto foi convidada pela cadeia de rádio francesa *France-Inter* a participar de um programa radialístico sobre os problemas dos pais com seus filhos. Num primeiro momento, como ela mesma conta no prefácio de seu livro *Quando os filhos precisam dos pais*<sup>2</sup>, negou o convite. Ela sabia da dificuldade de um programa desses, uma vez que sempre há muitos “fatores inconscientes em jogo nos problemas de educação”<sup>3</sup>. Contudo, depois de conversas com a direção da rádio mostrando a grande demanda dos pais, Dolto concluiu que “havia algo a ser feito pela infância”<sup>4</sup>.

Com o programa diário no ar, a psicanalista passou a responder a cartas de mães e pais com dificuldades para educar os filhos. Ela não respondia “ao vivo e a qualquer pergunta (...). Era preciso suscitar cartas detalhadas, garantindo aos que escrevessem que todas as suas cartas fossem lidas atentamente, embora poucas pudessem receber resposta, dada a brevidade de tempo no ar”<sup>5</sup>. Para Dolto, “formular *por escrito*<sup>6</sup> suas próprias dificuldades já é um meio de ajudar a si mesmo”<sup>7</sup>.

Mais de 40 anos se passaram e os veículos de comunicação continuam sendo utilizados como canais para que mães e pais possam encontrar respostas às suas dúvidas e angústias no que concerne à educação dos filhos. Todavia, diante da vasta revolução tecnológica, sobretudo com a ampliação dos espaços virtuais, será que ainda podemos, através de meios de comunicação, “ajudar os pais em dificuldade a se exprimir, a refletir sobre o sentido das dificuldades de seus filhos, a entendê-los e vir em seu auxílio, em vez de tentar calar ou ignorar os sinais de sofrimento infantil”<sup>8</sup> e, acrescentamos, parental?

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no V Colóquio de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 15/09/2018.

<sup>2</sup>F. Dolto (2008 [1977]). *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

<sup>3</sup>F. Dolto, *op.cit.*, p. IX.

<sup>4</sup>F. Dolto, *op.cit.*, p. IX.

<sup>5</sup>F. Dolto, *op.cit.*, p. XII.

<sup>6</sup>Grifo da autora.

<sup>7</sup>F. Dolto, *op.cit.*, p. XII.

<sup>8</sup>F. Dolto, *op.cit.*, p. XI.

Esta indagação tem sido uma constante para a *Ninguém Cresce Sozinho*<sup>9</sup>, em especial no que tange às demandas parentais surgidas a partir do espaço virtual que deu origem à rede: o blog *Ninguém Cresce Sozinho*.

### **O blog *Ninguém Cresce Sozinho***

Situado no site da *Ninguém Cresce Sozinho*<sup>10</sup>, o blog foi responsável por 98% dos acessos entre 01/07/2016<sup>11</sup> e 31/05/2018. Do total desses acessos, 47% ocorreram através de redes sociais (99% do tráfego oriundo do *Facebook*), 32% por pesquisas em buscadores, 18% a partir de links diretos e 3% de links referenciados em outros sites. Da população que acessou o site no mesmo período, 54% eram pessoas do sexo masculino e 46% do feminino, sendo que 27,5% tinham idade entre 18-24 anos, 33,5% entre 25-34 anos, 15,5% entre 35-44 anos, 12,5% entre 45-54, 5,5% entre 55-64 anos e 5,5% mais de 65 anos.

Com temas que contemplam aspectos emocionais da perinatalidade, parentalidade e primeira infância, os textos do blog são escritos com linguagem acessível ao público em geral pelas integrantes da rede ou profissionais convidados, visando abrir os tópicos em pauta, sem encerrá-los com soluções prontas.

Desde seu início em 01/04/2012 até 20/06/2018, data em que optamos por abolir o campo de comentários por motivos que serão expostos adiante<sup>12</sup>, havia ao final de cada texto um espaço para comentários. Neste ínterim, apenas dois não foram aprovados; um porque era extremamente agressivo, atacando a autora e não o conteúdo do texto, e outro porque havia uma exposição excessiva da criança pelo pai. Em ambos os casos os comentários foram respondidos por e-mail, dispositivo também usado pelos leitores para comentarem sobre textos ou trazerem perguntas provenientes de assuntos neles abordados.

Os comentários no blog sempre foram respondidos pelo profissional que escreveu o texto ou, em se tratando de artigo de autor convidado, por uma integrante da equipe, tal

---

<sup>9</sup>Rede de psicólogas e psicanalistas que tem por objetivo oferecer informação, reflexão e suporte emocional a bebês e crianças, e a homens, mulheres e profissionais que se deparam com questões relacionadas à primeira infância e ao processo de se tornar pai e mãe, incluindo o período anterior à concepção ou adoção.

<sup>10</sup><http://ninguemcrescesozinho.com.br>.

<sup>11</sup>Data em que o site ganhou nova plataforma e passou a ter seus acessos mensurados pelo *Google Analytics*.

<sup>12</sup>Todos os comentários já realizados no blog continuam publicados. Atualmente, por uma limitação da plataforma, o campo de comentários permanece aberto por 24 horas após a postagem do texto. Depois deste período ele é fechado.

qual ainda ocorre com os e-mails recebidos. Os únicos comentários não respondidos eram aqueles que não tínhamos nada a acrescentar; por exemplo, quando um leitor apenas reafirmava o que estava escrito no texto ou se dirigia diretamente ao comentário de outro leitor.

Do total de comentários e perguntas recebidos, redigidos predominantemente por mães e pais, mas também por avós, tios, irmãos mais velhos, demais familiares, profissionais da educação e da saúde, entre outros não identificados, metade continha dúvidas e pedidos de ajuda ou dicas/orientação. Destes, pouco mais de 60% relacionavam-se à sexualidade infantil e aproximadamente 20% ao desfralde, temas presentes em alguns de nossos textos<sup>13</sup>.

### **Os comentários de mães e pais no espaço virtual**

A maioria dos comentários<sup>14</sup> são carregados de sentimento de frustração, exibem dúvidas angustiantes e pedidos aflitos de ajuda ou dicas/orientação de como fazer, clamando “por uma resposta imediata que recubra de um sentido instantâneo cada uma das fendas de incompreensão que inevitavelmente comparecem no cotidiano da vida”<sup>15</sup>, como ilustram os trechos a seguir<sup>16</sup>:

*“Estou desesperada meu filho de 7 anos me contou que vai com um coleguinha da escola para o banheiro e fica esfregando um pênis no outro não sei como lidar com essa situação”.*

*“Olá, sou mais uma das mães desesperadas com a questão do número dois na fralda. Minha filha tem 5 anos e meio e ainda pede a fralda para fazer o cocô. Já está há 3 meses na psicóloga e nada. Preciso muito de ajuda”.*

*“Encontramos nossa filha se excitando com um de seus brinquedos e a maneira com que ela agia com o brinquedo ficou claro com a maneira que eu e a mãe dela nos relacionamos intimamente! Estou em pânico por tal situação e me sentindo culpado por acreditar que sem perceber estimulamos ela nesse comportamento! Help!”.*

---

<sup>13</sup>Segundo estatísticas do *Google Analytics*, entre 01/07/2016 e 31/05/2018, 28,2% do total dos acessos deu-se em conteúdos relacionados à sexualidade infantil e 6,4% ao desfralde.

<sup>14</sup>Onde escrevemos comentários, lê-se comentários recebidos no blog e e-mails.

<sup>15</sup>J. Jerusalinsky, “Que rede nos sustenta no balanço da web? –o sujeito na era das relações virtuais”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*, p. 27.

<sup>16</sup> Podemos considerar a falta de pontuação em alguns comentários como uma marca da virtualidade, um *continuum*, sem pausa, intervalo.

*“Meu filho ainda vai fazer 2 anos ele grita o dia todo chora e não sai uma lágrima o tempo todo bate chuta não sei mais o que fazer já coloquei de castigo já dei umas palmadas agora estou na fase de falar calmo com ele mais nada tem efeito me ajude por favor ele não tem um sono bom se bate a noite toda chora grita não sei mais o que fazer”.*

Diferentemente das detalhadas cartas recebidas por Dolto, que visavam ampliar as possibilidades de maior contato consigo mesmos, os comentários de mães e pais com dúvidas e pedidos de ajuda ou dicas/orientação endereçados à *Ninguém Cresce Sozinho* refletem a era da economia de palavras, em que predomina o uso de poucos caracteres, *emojis* e imagens, levando-nos muitas vezes a ter que “adivinhar” o que o outro tenta comunicar.

Embora os comentários cheguem até nós a partir de dois percursos principais – um, pelo conhecimento prévio de quem somos e, o outro, do encontro aleatório proporcionado pela internet<sup>17</sup>–, parece que em ambas as circunstâncias mães e pais buscam em nós, híbrido “máquina-especialista”, o amparo para suas angústias de forma rápida e, supostamente, infalível. Afinal, supõem que *sabemos* o que eles consideram não saber; portanto, que temos a habilidade para responder o que eles devem ou não fazer, como eles podem ou não agir, tal qual revelam os exemplos abaixo:

*“Por favor me ajude! Meu filho de 3 anos e 4 meses já saiu da fralda até da noturna mas o cocô se recusa a fazer no vaso ou no penico. Tentei o quadro de recompensas, tento negociar, às vezes ele até senta no vaso mas não faz cocô, só se for na fralda! Como faço?”.*

*“Olá boa tarde eu entrei no site em busca de algumas respostas e resolvi entrar em contato (...) você pode me dar alguma informação?” [a respeito do filho de 5 anos que queria brincar de casamento com a meia irmã, pedindo que essa lhe chupasse o “pintinho”].*

*“Minha dúvida é se isso [a masturbação frequente da filha de 4 anos] tem um período que passa?? Como conversar com ela sobre isso?? Se isso é normal??”.*

*“Tenho um filho de 5 anos, e diversas vezes já o encontrei pulando em cima dos travesseiros de um modo diferente, toda vez que isso acontece, brigo com ele, falando que é feio, que nem o papai do céu gosta.... Como devo falar com ele? É certo brigar com ele?”.*

---

<sup>17</sup>Entre 01/07/2016 e 31/05/2018, 84,8% dos acessos ao site foram de visitantes únicos e 15,2% de usuários que retornaram ao site.

Apesar do “desespero” dos leitores e de respondermos a todos<sup>18</sup>, somente 9,7% segue dialogando. Mesmo sendo esperada uma taxa de não retorno após o primeiro contato ou encontro, tal qual ocorre nos consultórios particulares de psicólogos e psicanalistas, isso parece se potencializar no espaço virtual.

### **Uma pergunta traz necessariamente uma questão?**

Atribuímos como hipótese a esse “desaparecimento” um descompasso entre o lugar em que somos colocadas e o lugar do qual respondemos. Como “máquina-especialista”, os leitores nos remetem angústias e interrogações sem contextualizar (ou, como solicitava Dolto, *detalhar*) quem é aquele que pergunta, quem é a criança em questão, qual o laço que se estabelece entre eles, sugerindo pouca ou nenhuma reflexão prévia a partir de suas experiências e conhecimentos. Além disso, podemos dizer que o “desaparecimento” do sujeito aponta para uma desconexão entre seu mundo interno e o mundo externo. Nos cuidados com os bebês e crianças essa desconexão se revela, por exemplo, quando os aparatos tecnológicos entram no lugar da “posição psíquica de disponibilidade”<sup>19</sup> ao bebê/criança, como acontece quando pais, educadores e outros tantos atores que participam dos cuidados e desenvolvimento da criança pequena colocam um vídeo para ela assistir diante da resistência ou recusa alimentar. No campo da parentalidade, podemos dizer que a desconexão também resulta do distanciamento da rede de apoio (familiar, de vizinhos, amigos, outros pais, etc.), mostrando que a ilusão da presença em ausência nos faz investir libidinalmente cada vez menos nas relações “de carne e osso”, imprescindíveis para a constituição psíquica e a construção da parentalidade.

Conectados a tudo o que a internet pode oferecer, mas desconectados de si mesmos, vemos operar, tanto nas relações com bebês e crianças quanto nos comentários recebidos, a lógica da virtualidade, em que se pergunta ao Outro virtual *o que e como fazer* em determinada situação. Da mesma maneira que perguntamos ao *Google* e ao *Siri*<sup>20</sup> sobre os mais variados temas na expectativa de uma resposta imediata e eficaz, pais

---

<sup>18</sup>Desde o início do blog optamos por disponibilizar o campo para comentários acreditando na possibilidade de diálogo com o leitor e entre os leitores. No entanto, como revela o presente trabalho, a grande maioria dos comentários não se transforma em diálogo. Por este motivo decidimos eliminá-lo.

<sup>19</sup>J. Jerusalinsky, “As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*, p. 46.

<sup>20</sup>*Siri* é um assistente virtual comandado por voz, de propriedade da *Apple*, disponível nos celulares *iPhone 4S* e superiores. Comumente nos referimos ao aplicativo fazendo uso do artigo no feminino, pois é como

e mães também buscam em nós a prontidão de uma resposta certa, que não demande sua implicação naquilo que envolve seu filho. Nossas respostas, contudo, partem do fato de que qualquer manifestação infantil só pode ser analisada quando se leva em consideração a história da criança e da família. Isso inclui não somente a dinâmica consciente que se estabelece entre elas, mas também sua dimensão inconsciente, convocando o leitor a comparecer na cena que o preocupa. Assim, ao invés de darmos respostas que encerram suas perguntas, ou de oferecermos soluções universais para as dificuldades apresentadas, devolvemos algum apontamento ou lançamos uma ou mais perguntas que possam ampliar sua leitura sobre a situação.

Conforme lembra Gueller, atualmente “o principal meio de comunicação é virtual. Vemos mais do que ouvimos”<sup>21</sup>. Esse registro visual pode ser observado nas palavras que mães e pais nos dirigem: elas não constituem propriamente questões, mas são descrições fragmentadas de cenas que parecem uma imagem congelada, sem passado e sem história, as quais despertam afetos que, como atos falhos, irrompem sob a forma de berros, xingamentos, palmadas e tapas que, mais tarde, se desdobram em culpa e incompreensão. Neste sentido, as palavras são lançadas a um Outro virtual, suplicando por uma saída que dê fim à angústia suscitada ao mesmo tempo em que isente, aquele que pergunta, de uma reflexão acerca de como tal experiência o impacta. E ainda, essa isenção fica velada, na medida em que a lógica da tecnologia é a eficiência e o tempo da virtualidade é o agora, não havendo tempo para o experimentar e o pensar.

Jerusalinsky<sup>22</sup> fundamenta esse modo de operar a partir do resgate dos três tempos formulados por Lacan: o instante de ver, no qual uma percepção chega ao sujeito, provocando um impacto inicial; o tempo de compreender, em que o sujeito lê essa percepção a partir de experiências anteriores de sua vida, produzindo algum sentido próprio a partir dela; e, por fim, o momento de concluir, aquele no qual o sujeito se implica na situação, se posicionando diante daquela percepção pautado pelo sentido formulado no tempo anterior. Contudo, na era das tecnologias virtuais, tem havido, segundo a autora, um achatamento destes três tempos, impelindo o sujeito para o último tempo, o momento de concluir, sem que haja tido espaço para as elaborações relativas ao

---

se falássemos com “a mulher” (voz feminina) do lado de lá da tela, a Siri. Ao fazermos esta transposição de gênero do artigo, criamos em nosso imaginário a ideia de presença humana.

<sup>21</sup>A. S. de Gueller, “Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*, p. 70.

<sup>22</sup>J. Jerusalinsky, “Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*.

tempo anterior, o tempo de compreender. Desse modo, quando respondemos aos leitores, buscando resgatar o tempo de compreender, estamos simultaneamente denunciando o achatamento mencionado anteriormente, convidando o sujeito a comparecer na cena com o seu Saber e nos retirando do lugar de um Outro virtual que tudo sabe e prontamente responde.

### **Onde há sujeito, há falta**

Para muitos daqueles que nos procuram, parece que essa convocação não é passível de sustentação. Quando mães e pais esperam que possamos oferecer soluções imediatas e indefectíveis aos problemas que nos dirigem, e nós lhes devolvemos apontamentos e novas perguntas, anunciamos que apesar de sermos colocadas no lugar de um Outro virtual, não o encarnamos, vez que nos apresentamos como seres falhos, que não detém as respostas.

Como coloca Mena “a infância é marcada por um Outro consistente, que sabe, que organiza, que orienta”<sup>23</sup>. Ou seja, na infância um Outro consistente é organizador e estrutural; porém, se essa consistência não perde sua intensidade ao longo da vida do sujeito, muito provavelmente teremos um sujeito adoecido. Para que isto não aconteça é fundamental que o Outro possa lhe transmitir sua falta, não sem antes reconhecê-la em si próprio.

Se, no entanto, considerarmos que a virtualidade apresenta como um de seus efeitos a supervalorização das conquistas e sucessos de cada sujeito (vide a exposição individual nas redes sociais), que espaço há para o reconhecimento de sua própria falta e sua consequente transmissão na relação entre este sujeito pai/mãe e seus filhos, não só no que concerne à constituição psíquica, mas também na construção da função parental<sup>24</sup>?

Pergunta retórica que comporta nela mesma a resposta: parece não haver espaço. Sendo assim, temos interrogado de que forma nossa inserção enquanto profissionais da primeira infância e através de dispositivos virtuais, pode contribuir para o enriquecimento da construção de saberes parentais singulares ao invés de empobrecê-los.

---

<sup>23</sup>L. Mena, “O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro”, in: *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*, p. 221.

<sup>24</sup>Um exemplo banal que parece decorrente do não reconhecimento da falta são os ditames rigorosos que definem posturas e condutas parentais (universais, ideais e perfeitas), que desconsideram a singularidade de cada relação e os processos inconscientes em jogo na mesma.

A fim de propormos saídas para esta questão, buscamos, através dos deslocamentos das principais chaves de leitura da parentalidade na virtualidade (presença-ausência, conexão-desconexão, disponibilidade-indisponibilidade), tocar aquilo que, na era virtual, parece sempre escapar: o real do corpo, não como materialidade, mas enquanto berço e palco das pulsões e suas inscrições.

O desafio consiste, então, em desdobrar essas chaves de forma a produzirmos subsídios para que a presença virtual de mães e pais, tanto no contato conosco quanto na relação com seus filhos, não seja mera estratégia para tamponar a angústia do não saber diante das convocações que um filho pode fazer, ou não seja equivalente à desconexão e, portanto, à indisponibilidade psíquica, que impedem a formulação de respostas singulares a tais convocações.

Nossa experiência vem mostrando que para que o sujeito possa comparecer “de corpo e alma” no espaço virtual não basta que o Outro virtual se apresente faltoso, mas que este também possa, em ato, instaurar a falta. Logo, ao disponibilizarmos na rede textos que sirvam mais como enigmas que convidam à reflexão, do que como soluções para problemas e dificuldades na educação, abrimos ao leitor não somente a possibilidade de desler o texto, no sentido descrito por Lévy, de se deparar com “fragmentos que não compreendemos, que não conseguimos juntar, que não reunimos aos outros, que negligenciamos”<sup>25</sup>, mas sobretudo desler a si mesmo. Dado que o texto aponta em alguma medida para o não saber, bem como para aquilo que sabemos e preferíamos não saber (e por isso negligenciamos), ele nos serve de “interface com nós mesmos”<sup>26</sup>, como sinalizam esses comentários:

*“De agora em diante, teremos muito mais atenção e habilidade em relação aos incômodos causados às crianças (...)”*[em texto sobre birra].

*“(...) Fazendo uma reflexão, acho que devemos agir de forma diferente dependendo da reação dele., Em alguns momentos ele aceita que tire a mão [da boca], em outros fica um pouco irritado”* [em texto sobre o uso de chupeta].

Para que essa interface ocorra é importante que haja um tempo para que o conteúdo da leitura possa reverberar em cada leitor. Se mantemos aberto o campo dos comentários, esse tempo acaba sendo encurtado, favorecendo o achatamento temporal descrito anteriormente. Porém, se fechamos o campo de comentários, mantendo

---

<sup>25</sup>P. Lévy (2011[1996]). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, p. 35.

<sup>26</sup>P. Lévy, *op.cit.*, p. 37.



disponível outras vias de comunicação conosco<sup>27</sup>, contribuímos para o alargamento deste tempo, além de convocarmos o sujeito que nos escreve a se apresentar – diferentemente dos comentários num blog, que podem ser anônimos, sem que traga notícia alguma de quem escreve, ou mesmo falsos, com o intuito de provocar horror, como as *fakes news*.

Um outro ponto que visa colaborar para a instauração da falta, é que não mais respondemos aos e-mails de forma a sugerir uma conversa virtual e gratuita, ainda que esta tivesse o objetivo de uma primeira escuta. Quando da adoção desta conduta, nosso interlocutor “desaparecia”, possivelmente porque não era convocado a arcar com qualquer custo. Atualmente, toda vez que um e-mail nos chega com algum pedido de ajuda/dica/orientação, propomos uma consulta, geralmente virtual devido à localização das pessoas, para que possamos entender o que se passa e sugerir um encaminhamento, se for o caso. Esta consulta tem um valor fixo e deve ser paga antecipadamente. Com este novo procedimento acreditamos que o interlocutor se depara com a pergunta: *é o caso de “pagar” para pensar sobre isso que acabo de “despejar”?*

Quando a consulta não é presencial, ela se dá impreterivelmente através de alguma tecnologia que comporte a voz e não apenas a escrita, já que entendemos que a linguagem escrita fica restrita ao código, apagando o sujeito que se presentifica no uso particular que cada um faz da linguagem para se relacionar, com as ambiguidades, as metáforas, os atos falhos, entre outros.

Embora ainda não seja possível tecer conclusões sobre nossa nova condução em relação aos e-mails recebidos com pedidos de ajuda/dicas/orientação, seguiremos avaliando seus efeitos. Também, seguiremos criando e avaliando estratégias de como nos aproximar de mães e pais pela via virtual sem cristalizar a dicotomia *on-off*, do tudo ou nada, que impera na virtualidade, engessando tanto nossa compreensão acerca das dinâmicas envolvidas no exercício da parentalidade quanto as próprias dinâmicas em si.

### **Referências bibliográficas**

Dolto, F. (2008 [1977]). *Quando os filhos precisam dos pais*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Gueller, A. S. de (2015). “Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos, in: *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.

---

<sup>27</sup>E-mail, telefone, *WhatsApp* e endereço do consultório.

Jerusalinsky, J. (2017 [2014]). “As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.

Jerusalinsky, J. (2017). “Que rede nos sustenta no balanço da web? –o sujeito na era das relações virtuais”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.

Jerusalinsky, J. (2018). “Intoxicações eletrônicas na primeira infância”, in *Café Filosófico CPFL* exibido na TV Cultura em 04/03/2018. Último acesso em: 06/03/2018. Disponível em: <<https://youtu.be/CJCrRouBNAY>>

Lévy, P. (2011 [1996]). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Mena, L. (2017). “O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro”, in *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.